

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO- UEMA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA - DHG
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA

MARIANNY COSTA CRUZ

AS SALAS DE CINEMA DE CAXIAS-MA:

A diversão na primeira metade do século XX

Caxias-MA

2024

MARIANNY COSTA CRUZ

AS SALAS DE CINEMA DE CAXIAS-MA :

A diversão na primeira metade do século XX

Trabalho de conclusão de curso apresentado
junto ao Curso de Licenciatura em História da
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA,
para o grau de licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Alcebíades Costa Filho

Caxias-MA

2024

C955s Cruz, Marianny Costa Cruz

As salas de cinema de Caxias-MA: a diversão na primeira metade do século XX / Marianny Costa Cruz. __Caxias: Campus Caxias, 2024.

41f.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias, Curso de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Alcebíades Costa Filho.

1. Cinema - Salas. 2. Fontes hemerográficas. 3. Memória histórica. 4. Caxias – Cinema. I. Título.

CDU 791(812.1)

Elaborada pelo bibliotecário Wilberth Santos Raiol CRB 13/608

MARIANNY COSTA CRUZ

AS SALAS DE CINEMA DE CAXIAS-MA :A diversão na primeira metade do século XX.

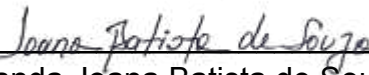
Monografia apresentada ao Curso de História do Centro de Estudos Superiores de Caxias – CESC/UEMA, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em História.

Aprovada em: 05/09/2024.

BANCA EXIMINADORA



Prof. Dr. Alcebíades Costa Filho



Profª Doutoranda Joana Batista de Souza. – Membro
PPGHIST/UEMA

Prof. Me. Gisele da Conceição Silva

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter sido a chave fundamental em toda minha vida e principalmente na reta final da minha graduação.

Minha gratidão aos meus pais, Rafaella e Cleilton, por sempre me apoiarem, incentivarem e por trabalharem no sol quente para que eu pudesse estar sempre na sombra. Agradeço ainda ao meu irmão, Mattheus, que sempre me motivou a seguir em frente, essa é por você também Tadeu.

Agradeço ao meu melhor amigo (e por sorte, namorado) Victor, minha gratidão é por você ter segurado a minha mão todas as vezes que eu pensei em desistir. Você tinha razão, eu consegui.

Não poderia de externar minha gratidão aos professores da UEMA que fizeram parte da minha trajetória, em especial meu orientador Alcebiades Costa e aos meus colegas de turma por sempre ajudarem.

Por fim, agradeço a minha vó, Ana Lucia Costa (in memoriam) que sempre me apoiou, me incentivou, foi meu modelo e por ter falado que a educação faria meus sonhos se realizarem, você sempre esteve certa, meu sonho está se realizando vó, essa é pra você!

AS SALAS DE CINEMA DE CAXIAS-MA : A diversão na primeira metade do século XX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada junto ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, Orientadora: Prof.º Dr. Alcebíades Costa Filho.

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Alcebíades Costa Filho



Profª Gisele da Conceição Lima



Profª Joana Batista de Souza

RESUMO

O presente trabalho busca através dos periódicos mapear e caracterizar as salas de cinemas do início do século XX, na cidade de Caxias, Maranhão. Os jornais selecionados foram: O Imparcial, O Commercio de Caxias e Nossa Terra, periódicos que circulavam na cidade entre 1920 e 1962. Essa pesquisa foi possível através da utilização dos periódicos da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, também a utilização de registros bibliográficos de autores de Caxias, como Eziqio Barros Neto (2020) e imagens do fotógrafo Brunno G. Couto. A partir dessas contribuições e seguindo uma pesquisa quantitativa e qualitativa, a pesquisa busca evidenciar as salas de cinema de maiores destaque, como Cine Odeon, Cine Royal, Cine Rex e Cine São Luís, todos esses que vieram das capitais para a cidade do interior, trazendo a novidade que eram as exibições dos filmes. O trabalho ainda realiza um paralelo com o surgimento do Cinema no Brasil e no mundo, e sua importância para o campo da história como uma forma de fonte de pesquisa, além disso é exposto a relevância das fontes hemerográficas para o campo de história. Com isso, tem-se o objetivo de evidenciar as principais características dessas salas, como a sociedade inseriu esses locais em seu cotidiano e o desfecho deles, ou seja, busca-se -apesar das poucas informações- trazer um resgate da memória local sobre as salas de cinema de Caxias-MA. Além dos conhecimentos construídos ao longo da formação acadêmica, fez-se uso de aporte teórico metodológico, com a devida seleção de autores que tratam da abordagem aqui explicitada. Entre as referências, destacam-se: Bernardet (2000), Le Goff (1994), entre outros autores.

Palavras-chave: Caxias (MA); Fontes Hemerográficas, Memória Histórica; Salas de cinema.

ABSTRACT

The present work seeks, through periodicals, to map and characterize cinemas from the beginning of the 20th century, in the city of Caxias, Maranhão. The newspapers selected were: O Imparcial, O Commercio de Caxias and Nossa Terra, periodicals that circulated in the city between 1920 and 1962. This research was possible through the use of periodicals from the National Library's digital newspaper library, as well as the use of bibliographic records of authors de Caxias, such as Eziquio Barros Neto (2020) and images by photographer Brunno G. Couto. Based on these contributions and following quantitative and qualitative research, the research seeks to highlight the most prominent cinemas, such as Cine Odeon, Cine Royal, Cine Rex and Cine São Luís, all of which came from the capitals to the interior city, bringing the novelty of film screenings. The work also draws a parallel with the emergence of Cinema in Brazil and around the world, and its importance for the field of history as a form of research source, in addition to exposing the relevance of hemerographic sources for the field of history. With this, the objective is to highlight the main characteristics of these rooms, how society inserted these places in their daily lives and their outcome, that is, the aim -despite the little information- to bring back local memory about the movie theaters in Caxias-MA. In addition to the knowledge built throughout academic training, theoretical and methodological support was used, with the appropriate selection of authors who deal with the approach explained here. Among the references, the following stand out: Bernardet (2000), Le Goff (1994), among other authors.

Keywords: Caxias (MA); Hemerographic Fonts; Historical Memory; Movie Theater.

LISTA DE FIGURAS

Figura – 1.....	25
Figura – 2.....	26
Figura – 3.....	27
Figura – 4.....	29
Figura – 5.....	31
Figura – 6.....	34
Figura – 7.....	34
Figura – 8	36
Figura – 9	37

LISTA DE QUADRO

Quadro

1.....20

—

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	7
1.1 FONTES HEMEROGRÁFICAS: JANELAS PARA O PASSADO E REFLEXOS DO PRESENTE	9
2 - UM OLHAR SOBRE OS PERIÓDICOS DA PESQUISA.....	11
2.1 SOBRE O CINEMA.....	13
2.2 O CINEMA CHEGA AO BRASIL, AO MARANHÃO E EM CAXIAS.....	16
2.3 CINE DE CINEMA, DESIGNA A SALA DE PROJEÇÃO.	19
3 - CINE ODEON	23
4 - CINE ROYAL.....	29
5 - CINE REX	31
6 - CINE SÃO LUÍS	36
7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
8 – REFERÊNCIAS	39

1 - INTRODUÇÃO

O presente trabalho, intitulado “As salas de cinema de Caxias-MA: a diversão na primeira metade do século XX “, baseia-se no tema “Os periódicos como fonte histórica para o estudo das primeiras salas de cinema em Caxias-MA: os jornais como fontes primárias para informações sobre as salas de cinema da cidade”. Nele busca-se investigar como os jornais da época retratavam as salas de cinema, destacando as informações contidas neles, a fim de compreender e caracterizar como eram as salas de cinemas que a população caxiense frequentava.

A cidade Caxias, com uma área de 5.151 km², Caxias se destaca na microrregião do Itapecuru, no Maranhão. A 365 km de São Luís, a cidade possui uma população superior a 162 mil habitantes e é um importante polo econômico e cultural da região. Sua história remonta ao século XVII, quando era conhecida como Guanaré pelos indígenas. Elevada à categoria de cidade em 1836, Caxias preserva um valioso acervo histórico, com construções do século XIX e início do século XX que refletem a influência da arquitetura portuguesa. Conhecida como a "terra das águas cristalinas", a cidade encanta visitantes e moradores com sua beleza natural e rica cultura.

Com isso, os periódicos serão de suma importância para essa análise, sendo eles *O Imparcial*, *O Jornal Comércio de Caxias* e *Nossa Terra*, todos circulavam na região, tinham bastante influência e eram responsáveis por noticiar os principais acontecimentos da cidade. O recorte da pesquisa se dará do ano de 1920 a 1962, os primeiros anos que marcam o início da atuação das salas de cinema fixas – já que anteriormente existiam apenas os cinemas ambulantes- e os últimos anos que evidenciam o fechamento delas. A análise quantitativa e qualitativa das notícias permite identificar a frequência com que as salas eram mencionadas, os anos de maior destaque e as características e relevância social e cultural atribuídas a elas.

Entretanto essa pesquisa se dará somente a partir dos jornais – as fontes escritas. Através de uma minuciosa exploração, busca-se um panorama detalhado das salas de cinema que marcaram a vida dos caxienses, evidenciando suas características, funcionamento e o papel que desempenhavam no cotidiano da cidade. Ao adotar os periódicos como fonte primária, esta pesquisa contribui para o enriquecimento dos estudos sobre a história do cinema no Brasil, oferecendo um olhar particular sobre a experiência de uma cidade do interior.

Trabalhar com fontes hemerográficas exige um olhar crítico e atento, pois é essencial questionar a veracidade dos documentos e conteúdos documentais para a construção de um

conhecimento histórico. Le Goff (1996) destaca que nenhum documento é inocente, e o historiador deve ser capaz de discernir a credibilidade do documento e desmitificá-lo. Ou seja, é preciso de uma atenção redobrada com esse tipo de fonte, justamente para conseguir desmembrar as informações e localizá-la para o contexto da época, sem cometer excessos e anacronismos.

O processo de pesquisa com fontes hemerográficas envolve várias etapas, começando pela seleção dos periódicos mais relevantes para o tema de pesquisa. Após essa seleção, é necessário realizar uma análise crítica das fontes, avaliando sua relevância e contexto. Por fim, constrói-se a narrativa histórica baseada nas informações coletadas. É importante considerar que os periódicos fornecem um registro fragmentário do passado, com informações parciais e subjetivas influenciadas pelos interesses e paixões da época (Luca, 2008).

Portanto, as fontes hemerográficas desempenham um papel de destaque na pesquisa histórica sobre o cinema em Caxias-MA. Elas não apenas registram a presença do cinema na cidade, mas também refletem as opiniões e críticas da época, contribuindo para uma compreensão mais ampla do impacto cultural e social das salas de cinema na sociedade. A comunicação, como destaca Amaral (2014) serve como uma base sólida para influenciar e afetar o ambiente social, tornando-se um instrumento poderoso na construção da memória histórica, sendo assim o presente trabalho busca resgatar os registros de memórias através das páginas dos jornais.

1.1 FONTES HEMEROGRÁFICAS: JANELAS PARA O PASSADO E REFLEXOS DO PRESENTE

As fontes hemerográficas se caracteriza inicialmente como uma investigação em periódicos, sendo impressos ou virtuais, como jornais, revistas e boletins e que são utilizados como fontes de pesquisa histórica. Nesse universo da pesquisa, os pesquisadores e/ou historiadores desvendam camadas de tempo, explorando acontecimentos, ideias e vivências de diferentes épocas.

A pesquisa hemerográfica, outrora dominada por historiadores em busca de informações específicas sobre momentos históricos, passou por uma transformação significativa nos últimos anos. A tradicional consulta a exemplares físicos de jornais em arquivos históricos, antes a principal forma de acesso a essas fontes, deu lugar à pesquisa digital. Assim:

A internet constitui uma representação de nossas práticas sociais e demanda novas formas de observação, que requerem que os cientistas sociais voltem a fabricar suas próprias lentes, procurando instrumentos e métodos que viabilizem novas maneiras de enxergar (Fragoso, 2011, p. 13).

Com o acesso ao digital, internet e a digitalização de periódicos, essa forma de pesquisa se democratizou, abrindo portas para diversas informações que antigamente seria inacessível. Agora, pesquisadores de diferentes áreas podem explorar conjunto de dados e edições de jornais. Essa mudança radicalizou a forma como se faz a pesquisa hemerográfica, permitindo análises mais abrangentes e complexas. Por tanto, a digitalização, tornou possível analisar grandes volumes de dados de forma rápida e eficiente, abrindo caminho para pesquisas que exploram tendências sociais, mudanças culturais e a construção da memória coletiva ao longo do tempo.

Segundo Sampaio (2014) trabalhar com fontes hemerográficas, exige um olhar atento e crítico, pois diante do que está sendo pesquisado, é analisado a veracidade dos documentos e conteúdos documentais, e até mesmo a possibilidade de falsificação. Com isso, questionar a veracidade é fundamental para a construção de um conhecimento histórico. O historiador, portanto, deve assumir uma postura de dúvida permanente, mesmo diante das fontes aparentemente mais autênticas.

Para se trabalhar com esse tipo de fonte, é necessário inicialmente realizar uma seleção, definindo o tema de pesquisa para assim selecionar os periódicos mais relevantes e identificar. Após a seleção, existe a análise crítica das fontes moldando a relevância desses

para a pesquisa e como finalização temos a construção da narrativa histórica, criada com base nas coletas das fontes. É fundamental pensar, que:

Os periódicos parecem pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas "enciclopédias do cotidiano" continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas (Luca, 2008, p. 112).

Os periódicos fornecem de fato um registro fragmentário do passado. Em cada edição se tem uma captura específica de um momento no tempo, com enfoque em eventos e temas que, na época, eram relevantes. Essa fragmentação torna crucial a análise do contexto da publicação do periódico, para compreensão das motivações e os interesses que moldaram a seleção e a apresentação das informações.

Com isso, as fontes hemerográficas são produtos de seu tempo, sujeitos a diversas influências, sendo as pressões do mercado ou a ideologia dos autores que podem distorcer a realidade, apresentando uma visão parcial e subjetiva dos acontecimentos. Segundo Le Goff (1996) “Nenhum documento é inocente e deve ser analisado. Todo documento é um monumento que deve ser desestruturado e desmontado. O historiador não deve ser apenas capaz de discernir o que é “falso”, avaliar a credibilidade do documento, mas também desmitificá-lo”. Ou seja, o historiador passa a ser um detetive ao investigar as fontes, através das fontes apenas ele é capaz fazer e dá a voz a história.

2 - UM OLHAR SOBRE OS PERIÓDICOS DA PESQUISA

Para desvendar as particularidades do passado cinematográfico na cidade de Caxias, olhamos para as salas de cinemas como uma diversão moderna e civilizada, através das páginas de três periódicos em circulação na cidade, entre as décadas de 1920 e 1960: *O Imparcial*, *O Jornal Comércio de Caxias* e *Nossa Terra*.

Essa pesquisa mergulha em um conjunto de edições desses jornais, buscando compreender como as salas de cinema da época eram retratadas e como os frequentadores percebiam essas salas com ambientes modernos e sofisticados, não acessíveis a todas as camadas da população. Através da análise quantitativa das notícias, será exposto a frequência com que as salas eram mencionadas, os anos em que receberam maior destaque e, principalmente, as características e a relevância social e cultural que lhes eram atribuídas.

O Imparcial, fundado em 1926, é um dos periódicos mais antigos do Maranhão e ostenta a distinção de fazer parte do Grupo dos Diários Associados, uma rede de comunicação nacional criada pelo jornalista Assis Chateaubriand. Reconhecido por sua influência, o jornal direciona seu conteúdo principalmente para os grupos sociais A e B¹, alcançando um público determinado.

É importante ressaltar que essa divisão é um recorte social e econômico, e não uma definição absoluta de um indivíduo. Como observou o sociólogo Pierre Bourdieu, "a posição social de um indivíduo não é determinada apenas pela sua renda, mas também por seu capital cultural e social". Ou seja, além do dinheiro, fatores como educação, formação e relações sociais influenciam a inserção de uma pessoa em determinado grupo.

A história do *Imparcial* se entrelaça com a política local. Até 2004, o jornal se alinhava à ala governista, com o então governador José Reinaldo Tavares como membro do Partido da Frente Liberal (PFL), liderado por Roseana Sarney. A família Sarney, detentora de um poder oligárquico no Maranhão, exercia forte influência na política do Maranhão.

No entanto, em novembro de 2004, um evento marcou uma mudança na postura do *Imparcial*. José Reinaldo Tavares rompeu com o Grupo Sarney, levando o jornal a se reposicionar em relação ao cenário político local. A partir dessa ruptura, *O Imparcial* trilhou um caminho independente, demonstrando sua capacidade de se adaptar às mudanças e manter sua relevância no cenário jornalístico maranhense.

¹ Os grupos sociais A e B são categorias utilizadas para classificar a população de acordo com seu poder aquisitivo e padrão de consumo. A classe A engloba indivíduos com alto poder aquisitivo, geralmente ocupando posições de liderança em empresas ou possuindo grandes propriedades. A classe B é composta por pessoas com renda acima da média, que possuem acesso a diversos bens e serviços, mas em menor escala que a classe A

É importante ressaltar que a história do *O Imparcial* é rico e complexo, marcada por momentos de alinhamento e distanciamento da classe política. Ao longo dos anos, o jornal se consolidou como um veículo de comunicação de referência no estado.

Para analisar a cobertura do jornal *o Imparcial* sobre as sessões de cinema no Maranhão, especificamente em Caxias, esta pesquisa concentra-se em um conjunto de 53 edições publicadas entre os anos 1926 e 1946. Através da análise quantitativa e qualitativa das notícias, busca-se compreender a frequência, os gêneros cinematográficos em destaque, os locais de exibição e a relevância social e cultural das sessões de cinema na região durante o período em questão.

O segundo jornal analisado, é o jornal *O Commercio de Caxias* fundado por Paulo Ribeiro da Conceição, no ano de 1877, era um periódico noticioso de quatro páginas. Sua existência está documentada até o ano de 1920, são desse ano as informações que o jornal *O Commercio de Caxias* apresenta, raras informações as salas de cinema, as sessões, entre outras.

O último periódico analisado, é o jornal caxiense *Nossa Terra*, apesar de ser um jornal mais recente e moderno -no qual revela a modernidade chegando a Caxias por meio das salas de cinema- são poucas as informações a publicações encontradas sobre o mesmo. Destaca-se na tabela abaixo, o ano de 1962, sendo poucas as edições encontradas sobre o cinema em Caxias.

Portanto, se faz notório a presença de salas de cinema na cidade de Caxias-MA por meio dos periódicos que tinham o papel divulgar para a sociedade, os jornais também irão assumir a responsabilidade de transmitir sua criticidade sobre essas salas de cinema. Como uma forma de comunicação com a população caxiense, como afirma essa citação:

Nosso objetivo básico na comunicação é tornamo-nos agentes influentes, é afetarmos outros, nosso ambiente físico e nós próprios, é tornarmo-nos agentes determinantes, é termos opção no andamento das coisas. Em suma nós nos comunicamos para influenciar-para afetar com intenção (Amaral, 1978, p.15).

A comunicação serviu como uma base para o desenvolvimento das salas de cinemas. A fonte hemerografia é a base fundamental para a essa pesquisa, ela irá servir para percorrermos a primeira metade do século passado sob o olhar de como a comunicação descrevia, influenciava a população quanto o cinema, as salas de cinema, a novidade que era o audiovisual, uma nova forma de lazer e entretenimento chegando a pequena cidade do leste do Maranhão.

2.1 SOBRE O CINEMA

De acordo com a obra de Metz (2014), a palavra *cinema* está relacionada com o termo cinematógrafo, em francês *cinématographie*, e dessa palavra tem origem do grego: *kínēma*, que significa uma ideia de movimento, associado ao verbo *kinein*; e *graphein* refere-se à atividade de gravação. Assim, o significado se dá a palavra cinema “uma imagem em movimento gravado”.

O cinema se comporta como uma forma de arte que utiliza imagens em movimento para contar histórias, transmitir ideias e gerar emoções e até mesmo críticas ao cenário social. Ele se baseia na projeção de uma sequência rápida de imagens, em sua maioria acompanhadas de som, e para criar a ilusão de movimento. Se caracteriza como um fenômeno cultural complexo que abrange uma ampla gama de estilos, gêneros e abordagens. Pode ser usado para entreter, educar, informar, inspirar e provocar reflexão.

A jornada do cinema para se tornar o que é hoje, percorre por um desenvolvimento tecnológicos ao longo de séculos através de aparelhos, inventos e dispositivos que auxiliaram na captação do movimento. Datadas entre os séculos XI, as descobertas da câmara escura surgiram em várias regiões, sendo anotações feita pelo Leonardo da Vinci, publicadas em 1797. A câmara escura é um instrumento óptico, constituído por uma caixa escura com uma pequena abertura, no qual entra a luz externa e transmite a imagem a parede oposta, porém de forma invertida.

Logo na metade do século XVII, criada pelo alemão Athanasius Kirchner, a lanterna mágica é uma lâmina composta por uma caixa cilíndrica iluminada a vela, que projeta as imagens. Kossoy (1999) assinala que a “fotografia é [...] o processo de criação/ construção técnico, cultural e estético elaborado pelo fotógrafo”. Inventada no século XIX, a fotografia revolucionou a captura de imagens estáticas, pavimentando o caminho para o cinema. O fenoscópio e o praxinoscópio logo surgiram, utilizando discos giratórios com sequências de imagens para criar a ilusão de movimento rudimentar.

E por fim em 1891, Thomas Edison patenteou o cinetoscópio, uma máquina que visualizava imagens em movimento através de um orifício. No entanto, foi com a invenção do cinematógrafo pelos irmãos Lumière em 1895 que o cinema se consolidou como uma forma de arte. O cinematógrafo era capaz de filmar e projetar imagens, abrindo as portas para a produção e exibição de filmes em grande escala.

A primeira exibição pública de cinema ocorreu no dia 28 de dezembro de 1895, em Paris. Os irmãos Auguste e Louis Lumière afirmavam que o “Cinematographo” não tinha futuro como espetáculo, serviria apenas como um certo instrumento científico para reproduzir movimentos e que só poderia servir como um mero meio para pesquisar, em outras palavras *uma invenção sem futuro*. Ainda no dia 28 de dezembro o que aparecera na tela do Le Grand Café eram filmes curtos, filmados com a câmera parada, em preto e branco e sem som.

O público levou um susto, de tão real que a locomotiva parecia. Todas essas pessoas já tinham com certeza viajado ou visto um trem, a novidade não consistia em ver um trem em movimento. Esses espectadores todos também sabiam que não havia nenhum trem verdadeiro na tela, logo não havia por que assustar-se. A imagem na tela era em preto-e-branco e não fazia ruídos; portanto, não podia haver dúvida, não se tratava de um trem de verdade. Só podia ser uma ilusão (Bernardet, 2000, p. 125).

Os irmãos Lumière, filhos de um fotógrafo e proprietário de uma indústria de filmes e papéis fotográficos, criaram o Cinematógrafo a partir do aperfeiçoamento do Cinetoscópio. O aparelho era movido à manivela e utilizava negativos perfurados, ao passar dos anos eles usaram a câmera para fazer curtas-metragens retratando as cenas do cotidiano parisiense. Assim:

Os primeiros filmes, portanto, tinham herdado essa característica de serem atrações autônomas, que se encaixavam facilmente nas mais diferentes programações. Os filmes, em sua ampla maioria eram feitos em uma única tomada, eram poucos integrados a uma eventual cadeia narrativa (Costa, 1995, p. 43).

Os primeiros filmes dos irmãos Lumière caracterizavam-se por sua simplicidade e foco no registro do cotidiano. Capturando cenas da vida comum e paisagens dos locais visitados por eles e seus operadores, esses filmes, chamados de "atualidades", eram feitos em um único plano, sem cortes ou montagens. Essa abordagem, embora limitada tecnicamente, era como ter uma janela aberta para o dia a dia das pessoas e lugares, permitindo que os espectadores se transportassem para diferentes realidades.

Embora a falta de montagem limitasse a narrativa complexa, essa simplicidade também conferia um charme especial aos filmes Lumière. A espontaneidade e o realismo das cenas capturadas transcendiam as barreiras do tempo e da cultura, tornando-os atemporais e universalmente apreciados.

Embora a primeira sessão dos irmãos Lumière tenha contado com apenas 33 espectadores (cada um pagando 1 franco), o sucesso logo se tornou estrondoso. Apenas dois meses depois, as sessões já registravam cerca de 2.000 ingressos vendidos por dia. Os filmes

dos irmãos Lumière, exibidos em teatros especialmente adquiridos, rapidamente conquistaram o público. Nos primeiros meses de 1896, a magia do cinema já podia ser apreciada em cidades como Londres, Bruxelas, Nova York, Bombaim, Buenos Aires e Osaka.

A invenção e o pioneirismo dos irmãos Lumière não apenas revolucionou a forma de entretenimento, como também se espalhou rapidamente pelo mundo, cativando multidões e dando origem à sétima arte como a conhecemos hoje.

2.2 O CINEMA CHEGA AO BRASIL, AO MARANHÃO E EM CAXIAS

No Brasil, a primeira exibição de cinema foi realizada no Rio de Janeiro, precisamente na Rua Ouvidor, 57, na data do dia 8 de julho de 1896, considerada por alguns historiadores da arqueologia do cinema como a primeira projeção no Brasil e na América do Sul. O Cinematographo Parisiense foi responsável pela primeira exibição pública de um filme no país, nessa exibição tiveram uma seleção de filmes compostos, no qual o primeiro filme a ser exibido foi “A Saída dos trabalhadores da Fábrica Lumière (FRA-1895)”, filme esse produzido pelos irmãos Lumière, na França. A notícia sobre a primeira exibição de um filme na época foi noticiada da seguinte forma:

Omniógrafo – Com esse nome tão hibridamente composto, inaugurou-se ontem às duas horas da tarde, em uma sala à Rua do Ouvidor, um aparelho que projeta sobre uma tela colocada ao fundo da sala diversos espetáculos e cenas animadas por meio de uma série enorme de fotografias. (...) cremos ser este o mesmo aparelho a que se dá o nome de cinematógrafo[...]. Apaga-se a luz elétrica, fica a sala em trevas e na tela dos fundos aparece a projeção luminosa, a princípio fixa e apenas esboçada, mas vai pouco a pouco se destacando. Entrando em funções o aparelho, a cena anima-se e as figuras movem-se. Talvez por defeito das fotografias que se sucedem rapidamente, ou por inexperiência de quem trabalha com o aparelho, algumas cenas movem-se indistintamente em vibrações confusas; outras, porém, ressaltavam nítidas, firmes, acusando-se um relevo extraordinário, dando magnífica impressão de vida real. Entre estas, citaremos a cena emocionante de um incidente de incêndio, quando os bombeiros salvam das chamas algumas pessoas; a da dança de serpentina; a da dança do ventre etc. Vimos também uma briga de gatos; uma outra de galos; uma banda de música militar; um trecho de boulevard parisiense; a chegada do trem; a oficina do ferreiro; uma praia de mar; uma evolução espetaculosa de teatro; um acrobata no trapézio e uma cena íntima (Souza, 2007, p. 21).

Esse seria apenas o primeiro passo para a inauguração das primeiras salas de exibição de filmes no Brasil, tendo a primeira sala de exibição fixa no Rio de Janeiro, implantada por Pascoal Segreto e José Roberto Cunha Salles. Segundo Souza (2007), as primeiras imagens feitas exibidas no Brasil foram de autoria do italiano Vittorio de Maio, um exibidor ambulante. Esse evento aconteceu no Cassino Fluminense, em Petrópolis, na cidade do Rio de Janeiro, em 1897.

Embora ainda em seus primeiros passos sejam no final do século XIX, foi no início do século XX que o cinema brasileiro lançou raízes profundas e duradouras na cultura nacional. Um marco fundamental nesse processo de consolidação oficial foi a construção da Usina de Ribeirão das Lajes, no Rio de Janeiro, em 1907. Essa obra garantiu um fornecimento de

energia estável à cidade, possibilitando a instalação de salas de exibição fixas de cinema. Três dessas salas se destacaram nesse período: o imponente Grande Cinematógrafo Rio Branco, o Cinematógrafo Pathé e o Cinema Palace.

Em 1898, três anos depois da primeira apresentação de uma exibição de filmes em Paris, tem-se a chegada nas terras maranhenses. A máquina *Cronofotógrafo de Demeny* que inaugurou a atividade cinematográfica no estado, esse equipamento foi criado por George Demeny -cientista e inventor francês- com o objetivo de fazer riqueza e ter reconhecimento com as imagens em movimento. Conhecidos como ambulantes ou ambulantes de cinemas, foi dessa forma que chegou a São Luís com o aparelho Cronofotógrafo, o empresário Moura Quineau, ele iniciou o Ciclo do Cinema Ambulante, na capital do Maranhão.

No ano de 1902, o italiano J. Fillipi chegou em São Luís, com seu aparelho cinematográfico, sendo de maior qualidade e realizando performances culturais com exibições pelo Norte-Nordeste. Segundo Matos (2002) J.Fillipi chega a cidade de Caxias em 23 de julho de 1902, promovendo uma sessão especial para as crianças, com uma casa lotada, na qual recebeu dois buques de flores, sendo ovacionado pela população caxiense. Essa sessão, foi um benefício em favor da construção de um “hospital para os lázaros” e para o socorro a um grupo de famílias desabrigadas em Caxias, cujas casas foram destruídas num incêndio.

Assim, foram os primeiros contatos das sociedades maranhenses e caxienses com os cinemas ambulantes, as sessões ocorriam da seguinte forma segundo Máximo Barro (2000):

Os aparatos das sessões cinematográficas brasileiras limitavam-se a um lençol ou outro pano branco, estirado por pregos, que servia de tela ou alvo, como era então chamada. O calor da sala, mesmo no inverno, propiciava o alargamento do tecido, obrigando o projecionista a molhá-lo com mangueira ou regador, a cada tanto, para novamente estirá-lo e dar mais brilho às imagens, mercê das propriedades que a água possui quando atravessada pela luz. As sessões duravam ordinariamente 30 minutos. Formatos por 5 ou 6 filmes de 47 segundos, chegaríamos a um total de 5 minutos. Com mais outros 10 para saída e entrada do público, sobriam sempre 15, preenchidos pela personalidade carismática destes aventureiros ignorados pelos historiadores brasileiros, carregando e descarregando filmes, vistos como feiticeiros que tinham o condão de fazer a fotografia mover-se [...]

O projetor era ordinariamente instalado no centro da sala ou teatro, à mostra de todos. Apenas quando o evento se abrigava em teatros que tivessem um bom recuo de palco, é que assistia-se o espetáculo por retroprojeção. Quem assistisse um espetáculo cinematográfico pela primeira vez, comumente colocavam-se [sic] de frente para o aparelho e de costas para a tela, julgando-o receptor e não transmissor de imagens. Durante a projeção do trecho de 47 segundos, no escuro, o filme caía no chão, ou no máximo, era recolhido num cesto, porque os aparelhos ainda não dispunham de carretel receptor. Ao término da rapidíssima projeção de cada assunto, as luzes eram acesas e o projecionista calmamente enrolava o filme depositado no cesto ou chão. Em seguida, iniciava o carregamento no projetor, do trecho seguinte, renovando-se o processamento anteriormente visto. Desse modo, metade do tempo da sessão era perdida nesse ritual. Perdida, é bom deixar claro, para o nosso conceito atual, porque o espectador da época, aquilo, também, era ingrediente do encantamento da novidade (Barro, 2000, p. 11).

Os ambulantes do cinema foram apenas o pontapé inicial para o início e propagação das projeções em Caxias. Após algumas décadas, temos em Caxias a primeira sala de cinema, Odeon-Cinema, instalado no Teatro Phenix, pertencente à firma Brasil e Apolônio, conforme nota publicada no Jornal Comércio em 14 de agosto de 1918. A partir de então demos início a um novo cenário das projeções cinematográficas, dentro das salas de cinema como conhecemos hoje.

2.3 CINE DE CINEMA, DESIGNA A SALA DE PROJEÇÃO.

Os jornais impressos podem ser considerados instrumentos fundamentais para a construção da história. Segundo Sérgio Luiz Gadini & Thays Assunção Reis (2017), por meio dos jornais é possível notar textos que abordam o cotidiano de uma sociedade e deixam subentendido sobre as suas relações com as instâncias de poder e influência. A partir das letras impressas é possível visualizar traços significativos dos discursos traçados e irradiados no cotidiano de uma sociedade.

Sobre os estudos do cinema no Brasil, os filmes documentais desempenharam um papel fundamental como “janela para o mundo” e foram muito valorizados pelos formadores de opinião pública pelo seu caráter informativo. A partir dessa premissa, o presente trabalho irá buscar reunir as salas de cinemas existentes na cidade de Caxias no decorrer do século XX, promovendo uma (re)construção da memória que essas salas deixaram na cidade.

Para a montagem dessa exposição, se fez necessário -como dito anteriormente- passar pelas folhas de jornais da época, entretanto é válido ressaltar que mesmo apesar dessa rica fonte que é a hemerografia, ainda existe lacunas para reconstruir uma parte da história do cinema na cidade, ou seja, se fez notório a escassez das informações que possam complementar a visão que os periódicos trazem nessa pesquisa.

Diante dessa lacuna dita anteriormente, buscamos elencar -as poucas- informações que temos sobre as salas fixas de Caxias durante o século XX, de maneira cronológica, juntamos as informações obtidas com a pesquisa realizada, como mostra no quadro a seguir:

Quadro - 1

CINEMA	ANO DE FUNDAÇÃO	LOCALIZAÇÃO	INFORMAÇÕES ADICIONAIS
Cine OdeOn	1918	Antigo Beco do Teatro e que se tornou parte do Ginásio Caxiense, na travessa que ligava a Rua Aarão Reis à Rua Dr Berredo ou Rua do Fio.	O primeiro e um dos cinemas mais populares do país, chega a Caxias, através da firma Brasil e Apolônio.
Cine Royal	1920	Localizado na Rua Riachuelo, mudou-se para um imóvel próximo da Praça da Matriz.	O fundador e proprietário desse cinema era o José Ommati.
Cine Jahu	1927	Localizado em um casarão na Praça Gonçalves Dias. Mudou-se para a esquina da Praça Gonçalves Dias com a Rua Dr. Berredo.	Essa sala de cinema foi adquirida pelo Sr. Pedro Costa, que comprou o Cine Royal e melhorou sua instalação, tornando-o em o Cine Jahu.
Cine Guarany	1931	Rua Aarão Reis, Centro.	O empresário Pedro Costa inaugura essa nova casa de cinema na cidade, no prédio do Theatro Phenix.
Cine Rex	1935	Inicialmente localizado na Rua Aarão Reis, em 1938 ganha seu próprio prédio na Rua Afonso Cunha.	Fundada pelo Dr. Manoel Joaquim de Carvalho Neto, o Cine Rex foi uma das salas mais populares da cidade na década de 30 a 80.
Cine Paz	1940	Salão localizado na rua Aarão Reis	Fundado pelo Dr. Valdenor Lobo. Funcionava em uma casa, era conhecida como uma solução subsidiada para proporcionar diversão barata às camadas menos favorecidas da população (Couto, 2022)
Cine Glória	1950	Anteriormente a sua instalação estava localizado na rua Aarão Reis, mas logo salão do Palácio do Comércio, na Rua Dr. Berredo.	O Sr. José Ferreira comprou o Cine-Pax e o transformou em Cine Glória.
Cine Plaza	1950 (estimado)	Rua Dr. Berredo.	Cinema que ficava em frente ao Cine Glória, foi montado pelo Sr. Antônio Pereira Lima (Calado, como era conhecido).
Cine Alvorada	1950 (estimado)	Rua Dr. Berredo	Cine Glória foi comprado pela firma "Caldas e Ferreira", no qual mudaram seu nome para Cine Alvorada
Cine São Luís	1960 (estimado)	Rua Dr. Berredo. Um tempo depois continuou suas atividades nas dependências do prédio da Associação Comercial.	Cine Alvorada foi vendido para Antônio Bezerra de Araújo. Segundo Barros (2019) O <i>São Luís</i> , sofria com reclamações onde os clientes assobiavam e batiam nas cadeiras em protesto a péssima qualidade de imagem e som e constantemente o proprietário entrava na sala ameaçando expulsar os revoltosos. Também se tem o conhecimento que ocorriam exibições de filmes de conteúdo pornográfico.

O quadro apresentado nos oferece um rico panorama da história dos cinemas em Caxias, revelando a importância dessa forma de entretenimento na vida da cidade ao longo do século XX. Desde o pioneirismo do Cine Odeon, um dos primeiros e mais populares do país, até os cinemas mais modestos e populares, como o Cine Kyara, a trajetória cinematográfica de Caxias é marcada por diversas mudanças e adaptações às transformações sociais e tecnológicas.

A localização dos cinemas era estratégica, muitas vezes concentradas em áreas centrais e de grande fluxo de pessoas, como a Rua Aarão Reis e a Praça Gonçalves Dias. Essa proximidade com o público era fundamental para garantir o sucesso das exhibições. A variedade de nomes e a frequência com que os cinemas mudavam de proprietários e de endereço também são características marcantes desse período, refletindo as dinâmicas do mercado e as dificuldades enfrentadas pelos empreendedores.

É interessante notar como os cinemas se tornaram espaços de sociabilidade e de expressão cultural, além de simples locais de exibição de filmes. O Cine Paz, por exemplo, era conhecido por oferecer preços acessíveis, visando atender às camadas menos favorecidas da população. Já o Cine São Luís, apesar de suas condições precárias, era um ponto de encontro para a juventude e chegou a exibir filmes de conteúdo adulto. A história dos cinemas de Caxias é, portanto, um reflexo da história da própria cidade, com suas alegrias, desafios e transformações, como afirma o autor:

"A noção de cultura como ação significativa que depende da manipulação de um instrumental simbólico, podemos tentar aplica-lá à noção de patrimônio cultural. Nessa perspectiva, devemos tentar definir o patrimônio em função do significado de um bem cultural reside no uso que dele é feito pela sociedade. Devemos conceber o patrimônio cultural como cristalizações de um "trabalhador morto" que se torna importante exatamente na medida em que se investe nele um novo "trabalho cultural", através do qual esse bem adquire novos usos e novas significações." (Arantes, 1984. p.30)

A partir dessa afirmação de Arantes sobre o patrimônio cultural como um constructo social, moldado por usos e significados, encontra um eco poderoso na história das salas de cinema na cidade. Sendo um instrumento simbólico, pois além de espaços físicos, eram verdadeiros símbolos de modernidade, progresso e lazer. Portanto, as salas de cinema eram muito mais do que locais para assistir a filmes, eram espaços de encontro e de socialização,

suas arquiteturas, seus equipamentos e seus acervos, eram o resultado de um "trabalho morto", de investimentos e esforços passados. No entanto, elas só ganhavam vida e significado quando eram utilizadas pela comunidade, quando se transformavam em espaços de sociabilidade e de produção de cultura.

Por fim, temos um panorama geral de todas as salas fixas de cinema que estiveram em atividade na cidade de Caxias. Com tudo, só iremos trabalhar com as seguintes salas: Cine Odeon; Cine Royal; Cine Rex e Cine São Luís, devido os volumes de informações existentes sobre esses, principalmente em periódicos.

3 - CINE ODEON

Temos inicialmente no ano de 1918, o primeiro cinema fixo, o Cine Odeon, instalado nas propriedades do Teatro Phenix. Podendo ser considerado um pioneiro da arte em Caxias, segundo Antunes (2001) o desconhecido Teatro Phenix (ou Teatro Fênix), estava localizado no antigo Beco do Teatro e que tornou-se parte do Ginásio Caxiense, na travessa que ligava a Rua Aarão Reis à Rua Dr Berredo ou Rua do Fio, como era a mais chamada. Com seus largos paredões de pedras brutas, lavradas, mesmo ignorado ou esquecido, o Teatro Phenix é um monumento, comprovante expressivo.

Na década de 30, a locação havia representado a cultura e a diversão caxiense, tinha seu portão fechado, entretanto seu espaço ainda servia para as sessões cinematográficas – ainda o cinema mudo. O autor José Antunes descreve sua primeira ida ao Cinema na cidade de Caxias, através do Teatro Phenix com sua mãe da seguinte forma:

[...] “Quando então não existia censura com limites de idade. Também pudera! Naquelas cenas só existiam alguns beijos se o galã fosse do tipo até hoje lembrado, Rodolfo Valentino, e que segundo diziam os mais velhos: “O ator piscava duas vezes para a plateia, antes de beijar a lindeza, tempo suficiente para as titias quase mortas de vergonha cobrirem os olhos das sobrinhas extasiadas”. Como mudaram os tempos!...” (Antunes, 2001).

A partir da primeira ida ao cinema do autor, percebemos através de sua experiência algumas características sobre a primeira sala de cinema da cidade. Os filmes não possuíam censura e/ou classificação indicativa², ou seja, crianças e adolescentes podiam assistir livremente filmes que contiam nudez, violência, drogas e entre outros; outro ponto que o autor caracteriza são os atores em cena, considerados galãs de cinema, astros de cinemas e entre outras características e as cenas de romance que prendiam a atenção do público – maioritariamente- feminino. Ainda sobre o cine odeon o autor destaca:

[...] “E tinha que se vê, aquelas cenas com todo aquele rebuliço de pessoas em rápidos movimentos e frenéticos trejeitos, a salititar e a gesticular, gente brigando sem saber porquê. Vez em quando a desfilar na tela, os letreiros, que eram legendas explicativas do que se passava. Mas de som ou mesmo falas dos personagens do filme, não se ouvia nada. Só da plateia que vibrava entusiasticamente com os lances da comédia, com as sensações daquelas situações desatinadas que as cenas apresentavam.” (Antunes, 2001).

² Sistema de classificação indicativa brasileiro é uma informação sobre a faixa etária para a qual obras audiovisuais não se recomendam, baseada em critérios de nível de maturidade, tendo como propósito principal ser ferramenta de auxílio aos pais na escolha do conteúdo midiático que seus filhos devem ter acesso.

Diante dessa descrição, conseguimos perceber a tela das salas fixas de cinema, no qual legendas explicativas passavam durante as sessões cinematográfica. O autor não define ao certo o motivo das legendas, porém levando em consideração a época e a descrição, o motivo para a legenda poderia ser o cinema mudo/ cinema silencioso - filmes que não possuíam a trilha sonora de acompanhamento que corresponde diretamente às imagens exibidas, sendo esta lacuna substituída normalmente por músicas ou rudimentares efeitos sonoros executados no momento da exibição.

Segundo o historiador Rodrigo Bayma Pereira, o primeiro cinema a funcionar na região, foi o Cine Odeon iniciando suas atividades no ano de 1918, nas dependências do Teatro Phenix, pertencente à firma Brasil e Apolônio. O Teatro Phenix foi erguido no século XIX, nele acontecia e recebia as diversas atrações de todo o país, além de ter sido o local onde ocorreu as primeiras exibições de filmes cinematográficos, o mesmo se encontra localizado na rua Aarão, hoje abandonado com risco de desabamento. No ano de 1920, o Cine Odeon mudou para uma casa alugada, na qual acontecia suas exibições.

Essa relação entre teatro e cinema anuncia o *fin-de siècle*, o fim de uma época de diversão onde o teatro dominou, o teatro fora a diversão dos grupos sociais mais abastados ao longo do século XIX. É, pois, nas casas teatrais que o cinema faz sua estreia como a diversão do novo tempo, o tempo do progresso, do desenvolvimento tecnológico que seria o século XX, é o que se observa em Eugen Weber (1988).

O cinema é a nova forma de entretenimento, nasceu como entretenimento de massa de todos os grupos sociais (Blom, 2015, p. 405-.415), mas nas cidades do Brasil, em Caxias, por exemplo era uma diversão dos grupos sociais ricos e letrados. Esse é um fenômeno que se observa nas cidades de porte médio espalhadas pelo interior do Brasil. As casas de cinema, os cines, apesar de receber pessoas dos grupos sociais inferiores, são templos de sofisticação. Representam o abandono dos hábitos e diversão rurais, para representar novos hábitos, citadinos, urbanos.

A partir dos periódicos que circulavam na cidade de Caxias, será possível observar como funcionava as exibições e a atuação do Cine Odeon como a primeira e mais conhecida sala de cinema da época. Nos seus primeiros anos atuando na cidade de Caxias, *O Jornal do Comércio de Caxias*, realizava divulgações de sessões de filmes, é possível acompanhar nas edições consultadas.

Diante de uma análise precisa entre as folhas do jornal *O Imparcial*, se tem uma presença maior de informações que ajudam a compreender como funcionava essa sala de cinema. Nesse periódico, evidencia-se três gêneros de textos sobre cinema e/ou salas de

cinema, sendo eles: Divulgação e Chamadas; Críticas e Resenhas e Notícias ou Reportagens.

As divulgações ou as chamadas, sob análise do *O Imparcial*, se iniciam do ano de 1926 até 1938, eram frequentes nos jornais, de forma simples e geralmente nas páginas finais, no qual ficavam expostas quais seriam as exhibições da semana, com o filme, horário e valor do bilhete. Como por exemplo, no ano de 1927, Divulgação do filme “Nas malhas da lei” às 8h custando 1\$000-\$500 no Cine Odeon. E domingo no Cine Odeon: Um programa COLOSSO! Buck Jones em “O caminho do dever”, como mostra a figura 1.

Figura 1 - Divulgação de sessão de filme no Jornal O Imparcial



Fonte: Jornal. *O Imparcial*. São Luís, edição 00214, ano 1927.

Dessa forma, os jornais obtinham sucesso e alcançavam mais pessoas, para assim aumentar a frequência de pessoas nas salas de cinema. Durante a década de 1930, temos divulgações em massa sobre as exhibições no Cine Odeon, podendo considerar assim uma popularização do cinema no Maranhão, uma ascensão de popularidade que o Cine Odeon e os demais cinemas passaram a ter.

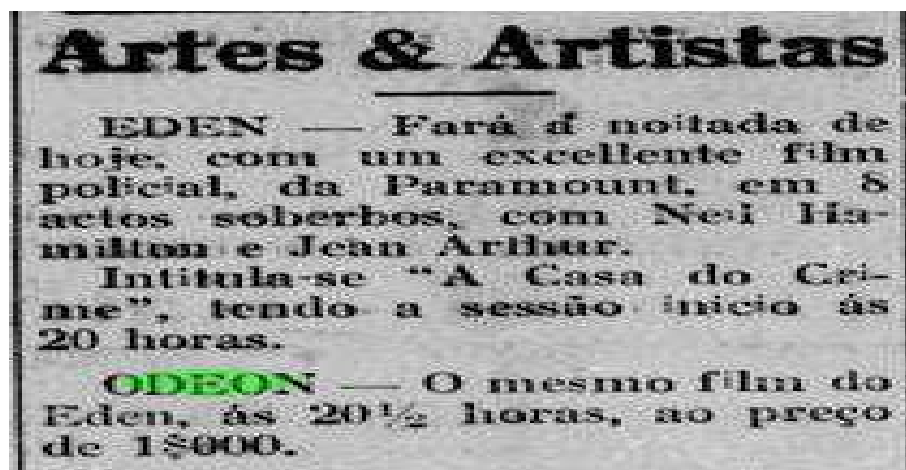
Filmes de grande sucesso como, por exemplo, *Sherlock Holmes* passaram na tela do Cine Odeon, o filme britânico-estadunidense foi lançado em 1922 -ainda em preto e branco- inspirado no livro best-seller de mesmo nome, chega nas providencias do cine Odeon em 1927, cinco anos depois de seu lançamento na Europa.

Nota-se essa diferença de data lançamento do filme/ano de exibição em Caxias. Quando a película chegava a Caxias, já havia sido exibida na Europa e, também, nas principais salas de cinema do Brasil. Podemos exemplificar com outro filme de sucesso exibido em Caxias na década de 1930, quando havia sido lançado na Europa em em 1926. Trata-se de “O Segredo dos cinco mascarados”, filme estrelado por Julius E. Herrmann (1883-1977), ator germanico que tambem atuou em “Dr. Mabuse, o Jogador” (1922) e “A Canção de Heidelberg” (1930)

(<https://www.imdb.com/name/nm0379263/?language=pt-br>).

Ainda nas divulgações, outra característica marcante era os horários que ocorriam e o valor do bilhete presentes. Como na figura 2, na edição de nº 02567 do ano de 1931, Divulgação de filme, “A casa do Crime”, às 20 ½ horas ao preço de 1\$000 no Cine Odeon.

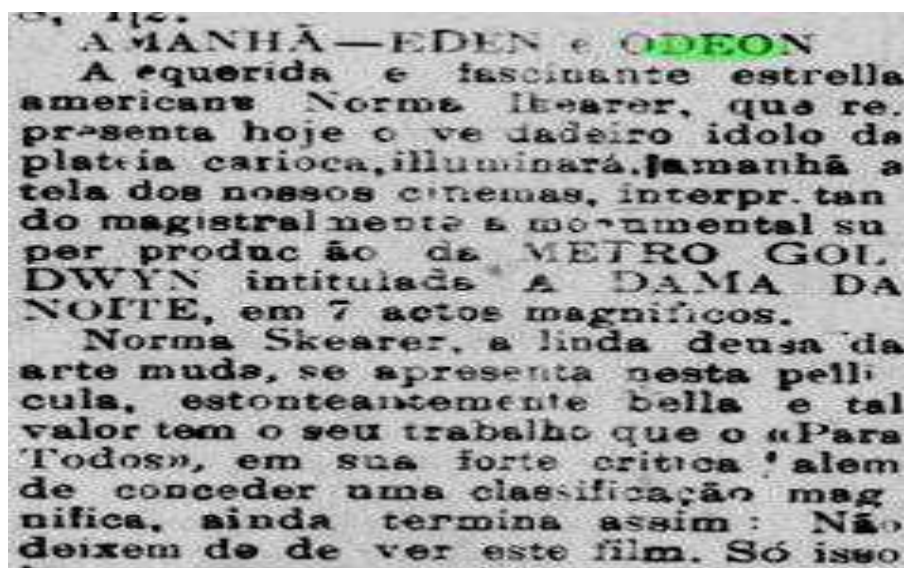
Figura 2 - Divulgação de uma sessão de filme no Jornal O Imparcial



Fonte: Artes & Artistas. Jornal *O Imparcial*, São Luís, edição 02567, ano 1931.

Além das divulgações, os jornalistas também realizam resenhas críticas sobre os filmes que chegavam nas telas do Odeon, o que influenciava o leitor a decidir se iria ou não ao cinema. Como, na figura 3, ano de 1926, sobre o filme “A dama da noite” estrelado pela atriz Norma Shearer (1902-1983), dita como a “linda deusa da arte muda”. Shearer era canadense, naturalizada estadunidense, ganhou Oscar de melhor atriz em 1930 por atuação no filme “A Divorciada”. Os protagonistas dos filmes tornam-se a nova raça de heróis (Blom, 2015), fascinam os frequentadores de cinema, os apaixonados por cinemas. A demora em chegar a Caxias as películas, são compensadas por ver na tela os nomes dos atores preferidos. Os nomes que circulam em jornais escritos e também nos jornais televisivos que o próprio cinema veicula. É a proximidade com os heróis da nova era de progresso, os artistas de cinema.

Figura 3- Críticas positivas de um filme que seria exibido pelo Cine Odeon



Fonte: Jornal *O Imparcial*, São Luís, edição 00059, ano 1926

Diante das divulgações, resenhas críticas e notícias, se faz presente informações que realizam uma recuperação do passado sobre as salas de cinema do Odeon, como uma espécie de enciclopédia do cotidiano caxiense. Entre o ano de 1926 e 1927, manchetes no jornal, exponham que os cinemas Eden, Olympia e Odeon estavam sofrendo censura da Polícia, no entanto, o veículo de comunicação não esclarece o motivo da censura, apenas rebate com uma edição inteira de divulgação de filmes que serão exibidos por estas empresas unidas contra a censura da polícia. Luiz Amaral diz (1978, p.24), "Se há censura é porque há temor quanto ao resultado da divulgação de tal ou qual informação, de tal ou qual comentário

Outro marco que o Cine Odeon fez parte, foi o início do cinema falado no Maranhão, já que inicialmente o cinema não tinha som, conhecido como cinema mudo. A notícia sobre era inédita novidade é divulgada no *O Imparcial*, edição de nº02765:

O Cinema falado no Maranhão. O Cine Odeon e Olympia, fazer estrear entre nós, o cinema falado. Fomos gentilmente recebidos pelo Raul Martins, que antes de começar a fornecer-nos detalhes sobre o assunto apresentou-nos ao engenheiro sr. George Pessuer e ao sr. Antonio Gutierrez, ambos chegados anteontem pelo Itahile para de conta da fábrica, instalarem no Eden o cinema falado. Posteriormente no Odeon (O Imparcial, 1931).

O aparelho que fornecia o som – Fonecinex- apesar de ter chegado ao Maranhão em 1931, foi instalado no prédio do Cine Odeon em 1932, ao trazer essa nova característica para a sala de cinema caxiense, o Odeon passa a ter mais telespectadores, e grandes elogios por

parte dos meios de comunicação e críticos por terem aparelho e transmissões modernos e de qualidade, na edição de nº 03070, o jornal publica:

A Empresa Cinematographica Maranhense inaugurou, ontem no Cine Odeon os aparelhos sonoros “Fonecinex”, dotando assim a nossa capital de mais um cinema falado, a última criação na aperfeiçoada indústria cinematográfica. Não há dúvidas que o Maranhão está progredindo, embora lentamente. E uma das provas disso é o facto acima referido, prova do nosso bom gosto e da boa aceitação que tem entre nós os filmes falados. Os aparelhos do Odeon são ótimos, dos mais modernos e transmissão perfeita (O Imparcial, 1932).

Com tudo, apesar do encantamento gerado pelas salas de cinema e pelas películas exibidas, algumas questões começaram a incomodar os telespectadores do Cine Odeon. Em 1937 na edição de nº05610, os críticos dos jornais mostraram indignação com os filmes que seriam exibidos, o aparelho de imagem e som que alguns -anos atrás eram ditos como “modernos”- de 3º classe. O maquinário começou a envelhecer e não exibia as imagens com tanta nitidez. Para completar, havia uma gritaria contra o calor que fazia nas salas de projeção.

Ainda nessa edição, o autor não esclarece os motivos da insatisfação dos filmes e aparelhos do cinema, porém o calor é justificável, já que desde o início da década de 1920 o calor nas salas de cinema já era uma reclamação constante em todas as salas do cinema do país, não somente em Caxias. No Rio de Janeiro, João Luiz Vieira e Margareth C. S. Pereira apontam:

O abafamento das salas e o calor sempre foram reclamações constantes desde a época dos primeiros cinemas da Avenida Central. Arquitetos e construtores buscavam soluções as mais inventivas, variando, por exemplo, de tetos em estrutura metálica que se abriam nos intervalos das sessões, como a famosa cúpula do Cinema Ideal, até as paredes vazadas do Cinema Rosário (hoje Ramos). [...] Com uma aeração deficiente, as receitas caíam consideravelmente. Nos meses de verão, mesmo com as salas razoavelmente ventiladas, o carioca preferia outras formas de lazer, influenciando nos lançamentos que eram feitos geralmente a partir de março (Vieira, 1986).

Assim como no Rio de Janeiro, a cidade de Caxias também tem um clima muito quente e seco, a maior parte do ano, acredita-se que a crítica feita pelo jornal *O Imparcial*, seja pelo mesmo motivo: a falta de conforto e a sensação térmica, faziam que as pessoas procurassem outras formas de lazer, fazendo que a popularidade e a novidade de estar em uma sala de cinema decaísse com o passar do tempo. Até o momento, não se tem informações sobre o fim do Cinema Odeon na cidade, porém se faz notório sua relevância na cidade assim como afirma Wanderley (2021) O ODEON é parte da memória cultural do Rio de Janeiro e representa uma época em que o cinema e o Centro da cidade se confundiam e se

completavam.

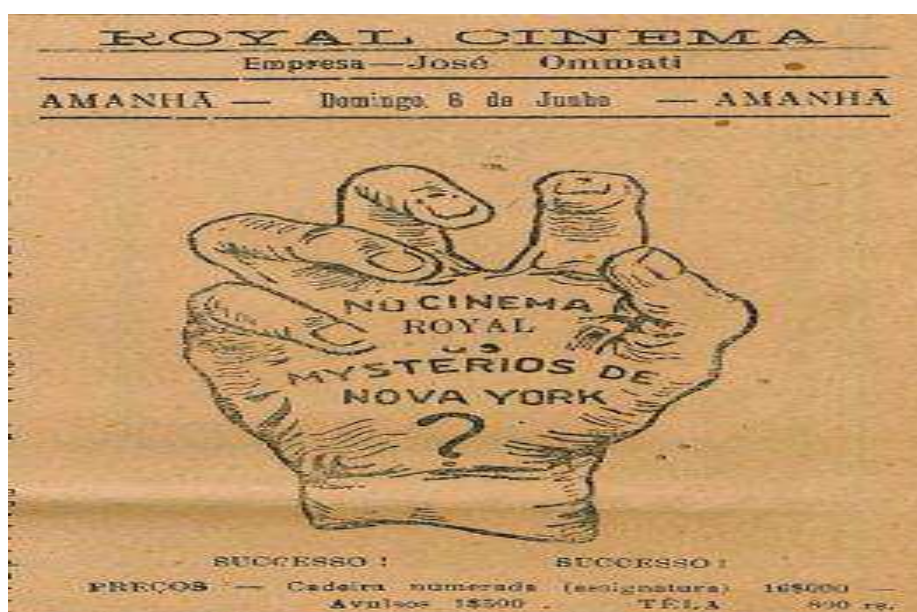
4 - CINE ROYAL

São poucas as informações sobre o surgimento do Cine Royal em Caxias. Sabe-se que no ano de 1920, ele já funciona na cidade sendo o fundador e proprietário José Ommati. Foi criada com o intuito de exibir filmes e funcionava no Teatro Phenix. Localizado na Rua Riachuelo, onde era vendido os ingressos em uma residência, acabou se mudando para um imóvel próximo da Praça da Matriz. Segundo Barros (2019) os ingressos eram vendidos na residência de uma senhora conhecida como “Dona Balbina Silva”, localizado na rua Riachuelo no centro da cidade. Em seguida, o cinema mudou para um imóvel na esquina da Praça da Matriz, ainda no centro de Caxias. Logo em 1927, o Cine Royal foi comprado por Pedro Costa, que passa por uma reforma e muda seu nome para Cine Jahu.

Apesar do pouco tempo de atuação na cidade, ele ficou conhecido e trouxe alguns momentos de lazer com suas exhibições de cinema para a população caxiense. No jornal *O Imparcial*, no ano de 1932, na edição 04017 e 04059, noticia-se o Cine Royal como um cinema silencioso sendo um dos poucos que restaram como o famoso cinema clássico mudo.

As divulgações das sessões que ocorreriam no Royal, foram divulgadas em massa no ano de 1920 pelo jornal do *Comércio de Caxias*, destaca-se a edição nº 918, que conta com um cartaz do sucesso mundial, filme em forma de seriado “The Exploits of Elaine” ou “Os Mistérios de Nova York” de 1914, como evidencia a figura 4.

Figura 4- Divulgação do filme Mistérios de Nova York no Cine Royal



Fonte: *Jornal Comércio de Caxias*, edição 918, ano 1920.

Com o início da década de 1930, o Cine Royal passou a ser Cine Jahu, é desconhecido o motivo que levou o Royal a falência, porém ele se fez notório para muitos caxienses da época apesar da sua pouca atuação.

5 - CINE REX

Em 28 de setembro de 1935, ocorreu a inauguração do Cine Rex em Caxias. Instalado na Praça Gonçalves Dias, um prédio de esquina, de propriedade de Pedro Costa, essa sala mudou-se para outros locais com o passar do tempo, sabe que em 1950 ela se encontrava localizada na rua a partir da Praça Cândido Mendes, como mostra a figura 5, vista da Rua a partir da Praça Cândido Mendes, na década de 1950, o imóvel de arquitetura Art Déco³ situado no meio da quadra, sendo o Cine Rex, demolido posteriormente para abrigar o Armazéns Paraíba.

Figura 5: Cine Rex na década de 1950.



Fonte: Acervo Digital IBGE.

O cinema se tornou um ponto de encontro e lazer para os moradores da cidade, transcendendo a simples exibição de filmes, a sala atraía as pessoas que queriam se encontra

³ A arquitetura *Art Déco* deriva de um estilo artístico homônimo que surgiu na Europa nos anos 1920 influenciando – além da arquitetura – o cinema, moda, design de interiores, design gráfico, escultura, pintura, entre outras vertentes artísticas.

para conversar, namorar. Muitos eventos aconteciam no palco do Cine Rex, como por exemplo, no ano de 1945, a manchete “Os títulos eleitorais poderão ser entregues até o dia 30” na edição de nº 08868, do jornal O Imparcial, que indicava alguns pontos para a entrega dos títulos eleitorais da população, além disso teria exibição nesse mesmo dia de um curta-metragem (de apenas 5 minutos) para aqueles que fossem aos pontos de encontro, sendo o Cine Rex um deles. Ou seja, a população poderia entregar seus títulos eleitorais na propriedade do cine Rex, funcionando assim como ponto de referência e promovendo ações nos âmbitos sociais, culturais e políticos.

Segundo Couto (2021) não se sabe ao certo se o Cine Rex fazia parte de uma rede nacional de cinemas, já que, em outras cidades, existiam salas de cinema com o mesmo nome – a exemplo de São Luís, Rio de Janeiro e Teresina. É válido ressaltar que, o Cine Rex, de Caxias, é mais antigo que o da capital do Piauí, que fora fundado em 29 de novembro e 1939.

Algumas vezes o Cine Rex servia como um espaço de reunião do Centro de Cultura Coelho Neto – uma sociedade que reunia a mais alta intelectualidade de Caxias na primeira metade do século XX. Segundo Antunes (2008) os intelectuais modernos são, portanto, filhos da conjuntura histórico-social que permite ao indivíduo integrar os atos intelectivos a um conjunto de relações sociais que formam um espaço de atividades relativamente autônomo, isto é, autorreferencial e relativamente independente das demais esferas. Ou seja, essa camada da sociedade caxiense- que vale ressaltar sendo de expressa influência e importância no quesito popularidade, tinha seu papel de estar em um espaço como a sala do cinema e utilizá-la de maneira social e cultura, tendo como consequência a popularização do meio que eles estavam utilizando: o cinema.

O cine promovia sessões para celebrar datas comemorativas, como o Dia do Operário comemorado no dia 1 de maio de 1944, quando o cinema ofereceu uma sessão cinematográfica matinal para os filhos dos operários, é o que se observa na edição de nº 08496:

O DIA DO OPERARIO Novas comemorações terá o 1º de maio este ano, por intermedio do Centro Artístico Operário Maranhense. Tais comemorações obedecem a um programa previamente elaborado, constando do mesmo missa na Catedral, às 8 horas celebrada pelo conefo Frederico Chaves, e sessão cívica às 20 horas, na sede do Centro á rua 13 de Maio, 106. [...] As 10 horas – Matinal para os filhos dos operários nos cinema Roxy, Rex e Cine Teatro da Escola Técnica (O Imparcial, 1944).

Em 1938, o cinema mudou-se para um prédio na rua Afonso Cunha, de acordo com Barros (2020) o local passou continuou a ser o ponto preferido da população caxiense, principalmente da juventude e dos casais da cidade que frequentavam nos fins de semana. O

cinema tinha um salão com 524 poltronas, exibindo filmes diariamente.

Com pouco tempo de inauguração, o proprietário do Cine Rex decide fechar a sala, um motivo alegado foi a dificuldade de conseguir filmes de qualidade, que atraíssem o público, fazendo com que as sessões fossem muito concorridas. O empresário Antônio Martins Filho, arrenda o Cine Rex, mudando o cinema de prédio novamente, dessa vez, para a Rua Aarão Reis.

A partir dos periódicos que circulavam na cidade, será possível analisar com precisão o funcionamento das salas do Cine Rex, através de informações que irão caracterizar ainda mais o local. No Jornal *O Imparcial*, as primeiras notícias sobre o Cine-Rex na cidade, é sobre um decreto no qual a Assembleia Legislativa do Estado publicou, decretando e promulgando a lei que isenta de impostos de indústria e profissão, pelo prazo de 10 anos, a Empresa Cinematográfica Sala Cine Rex, de Caxias.

Esse decreto foi publicado no ano de 1936, em quatro edições (nº05149, 05153, 05154 e 05154) de *O Imparcial*, essas publicaram respectivamente, sobre o pedido de isenção dos impostos; a primeira comissão com o pedido de isenção; a divisão de opiniões que esse pedido causou, já que alguns intelectuais da época afirmavam que o cinema trouxe males para o trabalho social e a segunda comissão para o debate. São opiniões de intelectuais da época, do que deveriam (ou não) isentar o cine rex das taxações de impostos, eles não aprofundam o assunto, apenas citam que existe esses dois lados opinando.

A sala também foi parar nas páginas policiais dos jornais, por denuncia de que foi assaltada mais de uma vez. *Casos Policiaes* (Casos Policiais) é assim que se deu um título de uma notícia no jornal *O Imparcial* no ano de 1939, edição de nº 06762, onde a matéria publicada pelo periódico relata sobre um furto que ocorreu na bilheteria do Cine Rex. Foi relato que sr. Arnaldo de Castro Rego compareceu a Central de Polícia para apresentar queixa contra um indivíduo, conhecido como Waldemar Rodrigues, o suspeito teria cometido outros crimes antes do roubo, o sr. Arnaldo acusa o indivíduo de furtar 40\$000 em moeda corrente na bilheteria do cinema. Assim o caso foi repassado para investigadores da região.

Por serem locais- na maioria das vezes- alugado, as salas de cinema ficavam a deriva dos meliantes, se tornando um lugar de fácil acesso para ocorrer esse tipo de situações, sendo com a sala cheia ou vazia. Então durante o período de atividade do Rex, essa narrativa de assaltos, criminalidade e meliantes acabam sendo comuns de se ler nos jornais.

Não se sabe ao certo como funcionava a segurança e vigilância, no local que o Cine Rex atuava, entretanto em 1945, surge mais um caso de polícia envolvendo um crime no Rex. Na edição de nº 08743, com o subtítulo “Surpreendidos vendendo ingressos do cinema rex –

um conto de vigário- outras ocorrências”, no relato alguns indivíduos estavam vendendo ingressos do cinema Rex, ao serem interrogados eles declaram que roubavam ingressos da bilheteria daquele cinema por meios de chaves falsas. Os indivíduos foram recolhidos para a prisão da Central da Polícia.

As notícias mais comuns sobre as salas de cinema reportam a divulgação dos filmes exibidos. O jornal *O Imparcial* divulgou muito as películas exibidas no Rex. O reclame constava o nome da película, descrição sobre horários e valores do bilhete. De acordo com Couto (2021), além dos periódicos, o Rex utilizava de cavaletes e cartazes dos filmes em exibição, exposto na frente do cine, para divulgar as sessões como na figura 4. Também era comum os pré-trailers, onde passava cenas dos filmes ainda a serem exibidos para chamar atenção do público.

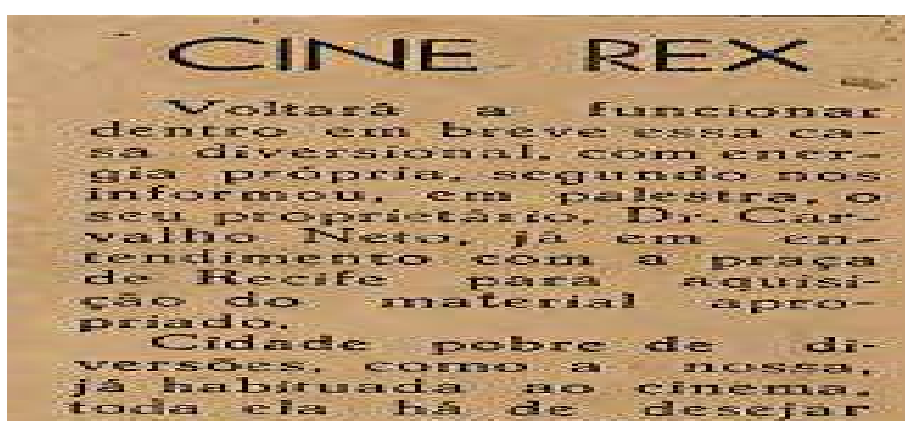
Figura 6- Algumas pessoas observam o cartaz no cine Rex, Rua Afonso Cunha, na década de 1950



Fonte: Acervo pessoal, Brunno Couto.

O periódico *Jornal do Comércio de Caxias* infelizmente não apresenta informações que possam acrescentar a história do Rex em atuação na cidade. E no jornal *Nossa Terra*, o pouco de informação facilita a compreensão de como foi o início do fim do cine Rex. Em 1962, na edição II nº134 figura 5, o jornal afirma que o cine rex voltaria, pois o mesmo havia parado de funcionar e tinha se mudado. O jornal ainda conclui a notícia, realizando uma crítica sobre a falta de diversão em Caxias.

Figura 7- A volta do Cine Rex em Caxias



Fonte: *Jornal Nossa Terra*, Caxias, edição II nº134, ano 1962.

As décadas de 1960 e 1970 foram as mais populares do Rex, desde filmes estrangeiros até os desenhos da Disney, o cinema – apesar das dificuldades que enfrentou com o passar do tempo, como o fornecimento de energia e poucas vendas- se manteve no auge, até a chegada do Armazém Paraíba em 1967, como afirma Couto:

Em 1967, o Armazém Paraíba chega a Caxias, e, para a sua instalação, adquiri os imóveis contíguos ao Cine-Rex. A empresa chegou, inclusive, a fazer ações em que realizava sessões gratuitas no Rex (imagem abaixo). Passados alguns anos, em novembro de 1980, visando uma expansão futura de sua filial, adquiri o imóvel do Cine Rex, junto ao empresário Carvalho Neto. Destarte, o Rex passou a ser propriedade do empresário piauiense João Claudino Fernandes, que deu continuidade ao cinema - ainda que o ramo cinematográfico não fosse de seu interesse (Couto, 2021).

Como o interesse do empresário João Claudino Fernandes não era o o cinema, em maio de 1981, o Paraíba expande suas instalações e noticia que o prédio do Cine-Rex não irá mais funcionar para fins cinematográficos, essa notícia gerou comoção na sociedade caxienses já que a cidade ficaria sem cinema, porém a mobília do Rex acabou sendo vendida para Santino Caldas Moreira e Sebastião da Silva, que fundaram um novo cinema, o Cine-Alvorada.

6 - CINE SÃO LUÍS

Na década de 1960, o Cine São Luís já estava funcionando, como mostra a figura 8, e tinha como proprietário José Ferreira, e era considerado o melhor por possuir filmes inéditos e de boa qualidade, isso porque o seu proprietário ia para Recife e Teresina atrás de filmes para modernizar para vez mais a sala de cinema de Caxias. Como Barros (2020) caracteriza o São Luís, sofria com reclamações onde os clientes assobiavam e batiam nas cadeiras em protesto a péssima qualidade de imagem e som e constantemente o proprietário entrava na sala ameaçando expulsar os revoltosos.

Figura 8- As duas portas abaixo da marquise, está o Cine São Luís e na parte da frente estavam dispostos máquinas de fliperamas que eram populares na década de 1980.



Fonte: Acervo IHGC.

O São Luís, seguiu no prédio da Associação Comercial, onde exibia muitos filmes

infantis nas chamadas matinês e a noite os lançamentos para os adultos. Com o tempo, o cinema passou a exibir filmes de conteúdo adulto o que acabou encerrando suas atividades e o prédio acabou sendo desativado.

As divulgações desse cinema ocorreram em sua maioria no jornal *Nossa Terra*, com divulgações das sessões citadas anteriormente e com anúncios, principalmente sobre o maior festival cinematográfico que ocorreria na cidade e nessa sala de cinema, anunciado no ano de 1962, na edição II nº 118.

Por fim, ainda no ano de 1962 na edição II de nº112 na figura 7, temos uma matéria desse jornal que fala sobre como os pais enxergavam o cinema caxiense como perigo, imoralidade, sendo face à educação de seus filhos, essa crítica, apesar de não se revelar totalmente o motivo, pode se relacionar com os filmes que o Cine São Luís exibia para adultos e que conseqüentemente poderia influenciar os jovens.

Figura 9- A droga do cinema, uma crítica realizada a influência das salas de cinema caxiense para seus jovens.



Fonte: A droga do cinema. Jornal. Nossa Terra. Edição II nº 112. Ano 1962.

E apesar de não se terem registros em documentos sobre a data do seu fechamento e o motivo que levou o seu fim, a partir da década de 70 não se tem mais informações entre os periódicos sobre o São Luís. Próximo à década de 90, houve algumas exibições em frente do prédio do cine São Luís, que projetavam em VHS.

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jornais desempenharam um papel crucial na divulgação e crítica das salas de cinema, atuando como intermediários entre a novidade do audiovisual e a população caxiense. A análise revelou que os periódicos não apenas informavam sobre as exibições, mas também influenciavam a percepção pública através de suas críticas e comentários. A digitalização das fontes hemerográficas facilitou essa pesquisa, permitindo acesso a um volume considerável de edições e dados que, anteriormente, seriam difíceis de obter.

O jornal O Imparcial, fundado em 1926, foi particularmente relevante, apresentando uma cobertura extensa e detalhada sobre as salas de cinema. Através dele, foi possível identificar as principais características e mudanças no cenário cinematográfico local. O Comércio de Caxias e Nossa Terra, embora com menos informações disponíveis, também contribuíram para a compreensão da evolução das salas de cinema e sua importância na vida cultural de Caxias.

A pesquisa evidenciou que as salas de cinema em Caxias não eram apenas locais de entretenimento, mas também espaços de socialização e expressão cultural. Através das lentes dos periódicos, foi possível perceber como o cinema influenciou a dinâmica social da cidade, trazendo modernidade e novas formas de lazer para a população.

Em suma, este estudo demonstrou a importância das fontes hemerográficas como janelas para o passado, permitindo uma análise profunda e contextualizada das transformações sociais e culturais. A investigação das salas de cinema em Caxias-MA, através dos jornais locais, revelou um capítulo significativo da história da cidade, destacando a relevância do cinema como um fenômeno cultural e social.

8 – REFERÊNCIAS

A droga do cinema. Jornal. **Nossa Terra**. Edição II nº 112. Ano 1962.

AMARAL, Luiz. Técnica de jornal e periódico. 3. ed. Rio de Janeiro: **Tempo Brasileiro**; Brasília: INL, 1978.

AMARAL, Roberto. Comunicação de massa: o impasse brasileiro. **Forense Universitária**, 1978.

ANTUNES, José. Reminiscências do século XX: em outros tempos de Caxias. Rio de Janeiro: s.n., 2001.

ARANTES, Antônio Augusto (Org.). Produzindo o passado. Estratégias para a construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Arquivo Caxias. A história do Cine Rex, o cinema mais longevo de Caxias. Disponível em: <https://arquivocaxias.com.br/a-historia-do-cine-rex-o-cinema-mais-longevo-de-caxias/>. Acesso em: 20 de agosto de 2024.

Arquivo Caxias. Teatro Fênix. Disponível em: <https://arquivocaxias.com.br/teatro-fenix/>. Acesso em: 20 de agosto de 2024.

Artes & Artistas. Jornal. **O Imparcial**. São Luís, edição 02567, ano 1931.

BARRO, Máximo. Na trilha dos ambulantes. São Paulo: **Editora Maturidade**.

BARROS NETO, Eziqiuo. Por ruas e becos de Caxias: História e descrição dos logradouros públicos de sua área urbana. Caxias: **Multigraf**, 2020.

Benjamin Veschi. Ano: 2019. Em: <https://etimologia.com.br/cinema/>.

BERNARDET, Jean-Claude. O que é história. São Paulo: **Brasiliense**, 2000.

CAPELATO, Maria Helena; MORETTIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos; SALIBA, Elias Thomé (Orgs). História e Cinema: dimensões históricas do audiovisual. São Paulo: **Alameda**, 2011.

Caxias (MA). Prefeitura. 2015. Disponível em: <http://caxias.ma.gov.br/historia>. Acesso em: ago. 2024.

Cine Rex. Jornal. Nossa Terra. Caxias. Edição II nº134. Ano 1962.

COMMERCCIO DE CAXIAS, Caxias, ano 01, nº 05 de jun de 1877. Disponível em: <https://arquivocaxias.com.br/a-historia-do-cine-rex-o-cinema-mais-longevo-de-caxias/>. Acesso em: 10. jul. 2024.

COSTA, Flávia. O primeiro Cinema: espetáculo, narração e domesticação. Rio de Janeiro: **Azougue editorial**,1995.

EDEN e ODEON. Jornal. **O Imparcial**. São Luís, edição 00059, ano 1926.

EDEN- ODEON. Jornal. **O Imparcial**. São Luís, edição 00214, ano 1927.

Eziquio. Caxias volta a ter cinema - Parte II. 23 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://eziquio.wordpress.com/2016/12/23/caxias-volta-a-ter-cinema-parte-ii/>. Acesso em: 20 de agosto de 2024.

FRAGMENTOS DE CULTURA, Goiânia, v. 27, n. 1, p. 148-155, jan./mar. 2017. 147 bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/. Acesso em: 16/05/2024.

FRAGOSO, Suely Métodos de pesquisa para internet / Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral. – Porto Alegre: **Sulina**, 2011. 239 p. – (Coleção Cibercultura).

KOSSOY, Boris. Realidades e ficções na trama fotográfica. **Ateliê Editorial**, 1999.

LE GOFF, Jacques. História e memória.4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LUCA, Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (org.). Fontes Históricas. São Paulo: **Contexto**, 2008. p.111-154.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**.2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.p. 111-153.

MATOS, Marcos Fábio Belo. ... E o cinema invadiu a Athenas: a história do cinema ambulante em São Luís (1898-1909). São Luís: FUMC, 2002.

METZ, Christian. A significação no cinema. São Paulo: Perspectiva, 2014.

REIS, Thays Assunção; GADINI, Sérgio Luiz. Breve panorama da cultura nos jornais maranhenses do século XIX. **Fragmentos de cultura** (Goiânia), v. 27, p. 134-147, 2017.

SAMPAIO, William do Nascimento. Reflexões sobre fontes hemerográficas na produção do saber histórico: Sugestões para o trabalho historiográfico. **Bilros**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 149-165, jan.-jun. 2014. Seção Artigo.

SILVA, Domiciano Correa Marques da. Câmara Escura com Orifício. Brasil Escola. Disponível em: Acesso em: 26/05/2024.

SILVA, Milena Dutra da. História da Fotografia: A câmara escura, o princípio da fotografia. PPGFCET. In.: Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2015.

SOUZA, C. R. de. Os pioneiros do cinema brasileiro: raízes do cinema brasileiro. Alceu, v. 8, n. 15, p. 20-37, jul./dez. 2007. Disponível em: Acesso em: 9 junho. 2023.

VIEIRA, João Luiz; PEREIRA, Margareth C. S. Cinemas da Metro e a dominação ideológica. **Filme Cultura**, n. 47, ago. 1986.

WILSON Carvalho elogia Jackson. O Imparcial, São Luis, 25 jan. 2006. Disponível em: <http://www.oimparcial.com.br/politica/>. Acesso em: 10/04/2024.